

“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

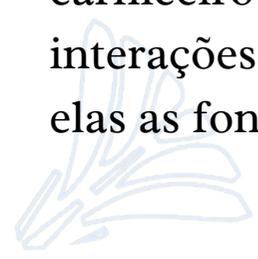


Andrea Vilela

“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL NO CAMPO DE JEZRAEL” (1 REIS 21:23)

A imagem veiculada por 1 Reis 21:23 pode nos parecer estranha no século XXI, numa sociedade onde o cão é visto como um animal de estimação meigo e carinhoso, correspondendo muito bem ao seu apelido de “melhor amigo do homem”. Mas vale ressaltar que, embora cães tenham sempre tido grande proximidade com as populações humanas, as relações nem sempre foram (ou são ainda hoje) tão pacíficas, pois o cão ao qual nos referimos atualmente e cuja imagem se tornou, no nosso imaginário, representativa de toda a espécie é o animal de estimação, o qual, na verdade, vive nas condições mais artificiais de todas.

Esse fenômeno é relativamente recente, e por muito tempo, seres humanos tiveram que interagir com outros tipos de cães, cujo comportamento, reprodução, e alimentação estavam totalmente fora de controle. Esses animais, longe de serem “amigos”, podiam estar em concorrência com os seres humanos e ter com estes interações conflituosas. Isso levou diversas sociedades a considerar o cão de maneira muito mais ambivalente, oscilando entre afeto e respeito pela lealdade do animal, por um lado, e medo e desconfiança, por outro lado. A fidelidade do cão vinculado a um tutor se opõe, assim, à imprevisibilidade de animal “de rua”, submetido a condições de vida muito mais duras e podendo, em algumas circunstâncias, tornar-se mais agressivo. Mesmo hoje, os cães de rua se encontram em sua maioria numa situação distinta do que no passado, sendo menos numerosos e tendo acesso a maiores quantidades de recursos alimentares. Nos países onde ainda se formam matilhas de dezenas de indivíduos, as relações com os seres humanos seguem instáveis, como evidenciado por Adam Miklósi no seu livro *Chiens. Une histoire naturelle*. A imagem do cão como carniceiro foi por muito tempo em diversas sociedades algo bem real, que impactou tanto as interações com o animal como sua integração no repertório simbólico das sociedades humanas, entre elas as fontes das tradições bíblicas e mesopotâmicas, como veremos aqui.



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

ALÉM DO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO: O CÃO COMO LOBO DOMESTICADO

A imagem veiculada por 1 Reis 21:23 só pode ser compreendida ao considerar aspectos do cão com os quais estamos hoje raramente em contato, mas que fazem parte integrante de sua biologia. De fato, seja chihuahua, poodle, doberman ou pastor alemão, todo cão descende do lobo (*Canis lupus*), com o qual ele ainda compartilha grandes semelhanças, apesar das inúmeras (e evidentes) modificações induzidas pela domesticação. Trata-se de um processo longo, impactando várias gerações, como evidenciado por vários pesquisadores, entre eles Juliet Clutton-Brock. Um animal domesticado pode de certa maneira ser considerado como uma sorte de subespécie artificial de seus parentes selvagens, sendo que está isolado destes últimos, principalmente reprodutivamente. Ao longo do tempo, é assim possível observar variações diversas, seja no tipo de pelo, na forma das orelhas e do rabo, assim como uma diminuição de tamanho e da distância de fuga, algo observado não somente com o cão mas também com os outros animais domésticos. O controle da reprodução permite, portanto, a transmissão de traços novos, que podem ser reforçados (conscientemente ou não) por seleção humana. No decorrer do tempo, as novas gerações começam a apresentar características físicas e comportamentais distintas, cada vez mais evidentes. No caso dos cães, se desenvolveram novos padrões comportamentais e hábitos alimentares, muito distintos dos do lobo, e que permitem a coabitação das populações caninas com grupos humanos e o compartilhamento de recursos com estes.

Embora todos os canídeos tenham uma alimentação relativamente flexível, as necessidades de cada espécie variam. Diferentemente do lobo, o cão tornou-se capaz de sobreviver exclusivamente graças aos restos deixados pelos humanos, não necessitando mais ser um caçador. Mesmo que continue sendo um animal social e que os cães de rua sigam formando matilhas, não se trata mais aqui de grupos familiares especializados em técnicas de caça coletiva como os lobos. Restos, inclusive carniças, representam assim um recurso alimentar perfeitamente viável para esses cães, muito mais até que para lobos que são primeiramente predadores. Quando submetidos à falta de outros alimentos, cães famintos podem, portanto, facilmente (ou, na verdade, naturalmente) se alimentar de restos de outros animais ou, mesmo, de seres humanos.

“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

CÃES E MORTE: UMA ASSOCIAÇÃO RECORRENTE

Em sociedades onde as populações de cães de rua são importantes, e onde os recursos alimentares à disposição destes canídeos são mais limitados, pode emergir uma tensão entre cães e humanos, que são duas espécies onívoras. Se o consumo de carne canina é ou foi praticado em muitas sociedades humanas, a situação oposta pode também ocorrer facilmente, desde que haja ocasião ou necessidade. Corpos deixados à mercê dos cães se tornam assim um alimento como qualquer outro para esses animais. O fenômeno foi observado e rapidamente integrado ao repertório simbólico de diversas sociedades humanas, sem que haja necessariamente uma conotação negativa.

JEZABEL DIVORATA DAI CANI (JEZABEL DEVORADA PELOS CÃES).



Fonte: Galleria Nazionale di Cosenza, Luca Giordano. Soprintendenza per i Beni Storici Artistici ed Etnoantropologici della Calabria. CC-BY 4.0.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jezabel_divorata_dai_cani_-_Giordano.jpg



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

A exposição dos cadáveres como parte integrante de rituais funerários é atestada em diversas culturas, e algumas religiões, como o zoroastrismo, reconhecem o papel do cão nesse processo. Mesmo sem práticas de exposição dos corpos, esse aspecto do comportamento do cão levou a considerar o animal como tendo uma dimensão psicopompa, ou seja, contribuindo à passagem da alma do defunto do mundo dos vivos ao dos mortos. Tal concepção do cão se encontra em várias sociedades pelo mundo e ao decorrer do tempo, se manifestando em civilizações tão distintas como na dos Aztecas, onde o cão era emblema do deus do mundo dos mortos Xolotl, e no Egito antigo através do deus Anúbis, cuja imagem se baseia tanto no chacal quanto no cão de rua. Quer seja de maneira positiva, neutra, ou negativa, o cão como carniceiro é assim frequentemente associado ao repertório simbólico da morte, um fenômeno que se explica pela observação de um aspecto bem definido do comportamento do animal.

Não é, portanto, surpreendente observar que, como em inúmeras sociedades através do mundo, as fontes mesopotâmicas e bíblicas também contenham menções a cães devorando cadáveres. Mais do que a descrição desse tipo de comportamento, o que aproxima esses textos é o fato de descreverem o fenômeno de maneira muito similar, e em situações análogas. Assim, em ambas tradições, o que chama imediatamente a atenção é que essa imagem se encontra principalmente no âmbito de maldições.



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

CÃES CARNICEIROS NAS FONTES BÍBLICAS E MESOPOTÂMICAS

Na Bíblia, a evocação do cão nesse contexto ocorre quase exclusivamente nos livros dos Reis. Porém, essa imagem do cão é mencionada não menos que sete vezes (1 Reis 14:11; 1 Reis 16:4; 1 Reis 21:19 e 23-24; 1 Reis 22:38; 2 Reis 9: 10 e 35-37). Muitas das ocorrências se repetem, pois essa descrição dos cães segue toda vez o mesmo esquema, sendo manifestação da ira e do castigo divino. As vítimas são sempre reis tendo descumprido a vontade de Iahweh: primeiro Jeroboão (1 Reis 14:11: “Os membros da família de Jeroboão que morrerem na cidade serão devorados pelos cães; e os que morrerem no campo serão comidos pelas aves do céu. É Iahweh quem o diz.”), em seguida Baasa (1 Reis 16:4: “Todo membro da família de Baasa que morrer na cidade será devorado pelos cães; e o que morrer no campo será comido pelas aves do céu.”), e por fim Acab (1 Reis 21:19 e 23-24; 1 Reis 22:38; 2 Reis 9: 10 e 35-37), pela morte de Nabet, fomentada pela sua esposa, a rainha Jezabel. Embora a culpa inicial seja individual, o castigo é sempre coletivo, resultando na eliminação total da descendência.

Alguns pontos merecem ser ressaltados. Primeiro, a localização dos cães. Seja para os familiares de Jeroboão (1 Reis 14:11), Baasa (1 Reis 16:4) ou Acab (1 Reis 21:23-24: “A pessoa da família de Acab que morrer na cidade será devorada pelos cães; e quem morrer no campo será comido pelas aves do céu”), nota-se que os cães carniceiros se encontram sempre no quadro urbano. Tal precisão quanto à localização dos animais enfatiza sua proximidade com os seres humanos, mas também é sugestiva quanto à natureza das relações cotidianas com eles, repleta de desconfiança.



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

A situação parece ser similar à que se pode observar nas fontes cuneiformes mesopotâmicas, onde cães de rua são descritos como uma ameaça potencial, apesar de serem concebidos como parte integrante do mundo urbano. Tal visão do animal se manifesta em diversas coleções de presságios como em *šumma ālu ina mēlê šakin*, onde a mera presença de muitos cães já é vista como um sinal de dificuldades futuras: “Se os cães se tornaram numerosos: problema para a cidade” (*šumma ālu ina mēlê šakin*, tablete 46:2). Embora o potencial carniceiro do animal não seja aqui evidenciado, permanece claro que as interações cotidianas entre humanos e cães são concebidas como tendo certa tensão inerente.

A única ocorrência bíblica que não situa os cães na cidade é a maldição contra Jezabel (1 Reis 21:23: “Os cães devorarão Jezabel no campo de Jezrael”). Porém, isso se explica pelo motivo da maldição, já que Jezabel orquestrou a morte de Nabot para que Acab recuperasse a sua vinha. Nota-se igualmente que as outras ocorrências só mencionavam o castigo divino prescrito, mas não sua realização, que aqui não somente é evocada como é acompanhada de uma descrição gráfica: “Quando chegaram para sepultá-la, só encontraram o crânio, os pés e as mãos. Voltaram para contar isso a Jeú, que disse: ‘Esta foi a palavra de Iahweh, que pronunciou por intermédio de seu servo Elias, o tesbita: ‘No campo de Jezrael, os cães devorarão a carne de Jezabel; e o cadáver de Jezabel será como esterco espalhado no campo, de modo que não se poderá dizer: Esta é Jezabel!’” (2 Reis 9: 35-37).



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

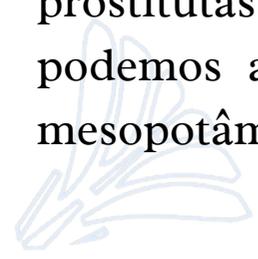


Andrea Vilela

Outro ponto relevante é a associação do cão com outros animais carniceiros, algo que se encontra também nas maldições das inscrições reais assírias. Muitas delas estão acessíveis online, no site do projeto State Archives of Assyria (SAA). Embora a presença das aves também seja evocada, como nas linhas 426-427 da inscrição SAA 2, 6 do rei Esarhaddon (681-669 AEC) (“(Que Ninurta) faça a ave de rapina e o urubu devorarem sua carne!”), estas não aparecem em associação direta com o cão. Este pode ser encontrado mencionado sozinho, como na linha 3 da inscrição SAA 12, 26: “Que os cães rasguem seu corpo não sepultado!”, mas aparece também várias vezes dilacerando corpos junto com porcos. É o caso, na linha 451, da inscrição SAA 2, 2: “Que os cães e os porcos devorem sua carne!”.

Seja nas fontes bíblicas como na literatura mesopotâmica, encontramos também uma representação peculiar do cão carniceiro, que se torna “bebedor de sangue”. Tal descrição do animal aparece em encantações, como por exemplo contra o demônio Samana, que é descrito na linha 6 do tablete VAT 8781 como “cão bebedor de sangue de Nintinugga”. Nas linhas 259-260 do mito Lugal.e, conhecido por manuscritos do início do 2º milênio AEC, no qual o deus Ninurta enfrenta o monstro Asakku, encontramos novamente tal descrição do animal “A lança foi enfiada no solo e os canais (de irrigação) se encheram de sangue. No país inimigo os cães o lamberam como se fosse leite”.

Nas fontes bíblicas, o cão bebedor de sangue aparece também no primeiro livro dos Reis, como castigo específico destinado ao rei Acab, distinguindo-o de sua esposa Jezabel e de seus descendentes: “Assim fala Iahweh: Mataste e ainda por cima roubas! Por isso, assim fala Iahweh: No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, os cães lamberão também o teu” (1 Reis 21:19). Tal como para Jezabel, a realização da maldição também é descrita em 1 Reis 22:38, onde o carro no qual rei tinha morrido é lavado: “Lavaram o carro na piscina de Samaria, os cães lamberam o sangue e as prostitutas ali se banharam, conforme a palavra que Iahweh pronunciara”. Através desses exemplos podemos assim observar grandes semelhanças entre as fontes bíblicas e a tradição cuneiforme mesopotâmica na maneira de conceitualizar a imagem do cão carniceiro e de se referir a ela.



“OS CÃES DEVORARÃO JEZABEL”: CÃES CARNICEIROS NA BÍBLIA E NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO



Andrea Vilela

CONCLUSÃO

A representação do cão carniceiro na Bíblia deve então ser abordada considerando dois aspectos. O primeiro corresponde à observação de um comportamento natural do animal, constatado por múltiplas sociedades humanas ao redor do mundo. O segundo, entretanto, se integra no quadro cultural amplo do Antigo Oriente Próximo. De fato, o estudo e a comparação das fontes bíblicas e cuneiformes revelam similaridades não somente no que se refere à evocação desse aspecto do comportamento do cão, mas também, e principalmente, na maneira de descrever essa atitude. O modo de insistir na presença ameaçadora do animal nas ruas, o seu uso nas ameaças e maldições, a figura de cães lambendo sangue... As escolhas quanto à maneira de conceber e de usar essa imagem do cão revelam semelhanças nítidas que, considerando a proximidade geográfica entre essas sociedades, não podem ser consideradas como um acaso. Embora se refiram a um fenômeno global, as semelhanças descritivas entre o texto bíblico e as fontes cuneiformes mesopotâmicas sugerem o compartilhamento de um repertório simbólico e imagético comum, que se manifesta nos exemplos citados acima através da representação do cão. Levar isso em consideração permite situar as fontes bíblicas no seu contexto regional e apreender melhor suas particularidades, uma abordagem cujas aplicações ultrapassam o quadro dos estudos sobre a representação dos animais.

Andrea é pós-doutoranda do Departamento de História (FFLCH-USP)
bolsa FAPESP (nº de processo 2022/01388-1),

Bibliografia (Para saber mais):

- BREIER, Idan – *An Ethical View of Human-Animal Relations in the Ancient Near East*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- CLUTTON-BROCK, Juliet – *A Natural History of Domesticated Mammals*. Londres: British Museum Press, 1989.
- van DIJK, Jan – *Lugal ud me-Lám-bi Ní-gál: Le récit épique et didactique des travaux de Ninurta, du Déluge et de la Nouvelle Création*. Leiden: E.J. Brill, 1983.
- FREEDMAN, Sally M. – *If a City is Set on a Height: the Akkadian Omen Series Šumma Ālu ina Mēlê Šakin*. Vol. 3: Tablets 41-63. Winona Lake: Eisenbrauns, 2017.
- MIKLÓSI, Adam – *Chiens. Une histoire naturelle*. Paris : Artémis Éditions, 2018.
- State Archives of Assyria Online (SAAO): <https://oracc.museum.upenn.edu/saao/>
- VILELA, Andrea – *Canines from inside and outside the city: of dogs, foxes and wolves in conceptual spaces in Sumerian-Akkadian texts*. In: RECHT, Laerke & TSOUPAROPOULOU, Cristina (ed.) – *Fierce lions, angry mice and fat-tailed sheep. Animal Encounters in the ancient Near East*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 2021, p. 23-28.